

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Silviano Santiago, autor de Homi K. Bhabha
Edgar César Nolasco

<https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260003>

Submetido em: 2026-10-15

Postado em: 2026-10-15 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

10.1590/2596-304x202628e20260003

Dossiê

Silviano Santiago, autor de Homi K. Bhabha

Silviano Santiago, author of Homi K. Bhabha

Edgar César Nolasco

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>

ecnolasco@uol.com.br

Submissão: 14/08/2026

Aceite: 27/09/2026

Declaração de disponibilidade de dados de pesquisa:

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Declaração de conflito de interesses:

Os autores declaram não haver conflito de interesse.

Declaração de uso de IA:

Não foi usada Inteligência Artificial.

Editor-Chefe: Andrei dos Santos Cunha

Editor Executivo: Anderson Bastos Martins

Editoras Associadas: Germana Henriques Pereira; Rachel Esteves Lima

RESUMO: O ensaio, valendo-se de uma perspectiva comparatista pós-colonial, procura pontuar que o intelectual brasileiro Silviano Santiago pode ser considerado autor do intelectual indo-britânico Homi K. Bhabha. Tal aproximação, por sua vez, torna-se possível de ser pensada quando nos valem os postulados teóricos propostos pelo escritor argentino Jorge Luis Borges, a exemplo de seu conto-teórico

“Pierre Menard, autor do Quixote”. No mesmo diapasão, o ensaio teórico “Silviano Santiago, autor de Derrida”, de autoria da intelectual brasileira Eneida Maria de Souza, ajudou-nos na reflexão empregada. E não menos importante para ilustrar a discussão realizada foi o ensaio do próprio Silviano Santiago, “Eça, autor de Madame Bovary”. Apesar de tais aproximações e semelhanças teóricas, deve-se observar, contudo, que na discussão proposta tivemos a preocupação em mostrar que a leitura empreendida por Silviano Santiago se inscreve sob a chancela da teoria pós-colonial.

Palavras-chave: Silviano Santiago; Homi K. Bhabha; Pós-colonialidade; Literatura comparada pós-colonial

ABSTRACT: Beneath a post-colonial comparative perspective, this essay aims to argue that the Brazilian intellectual Silviano Santiago can be considered the author of the Indo-British intellectual Homi K. Bhabha. This conceptual link becomes possible when we utilize theoretical postulates proposed by the Argentine writer Jorge Luis Borges—specifically, his theoretical short story "Pierre Menard, Author of the Quixote". In the same vein, the theoretical essay "Silviano Santiago, Author of Derrida" by Brazilian intellectual Eneida Maria de Souza, informed our reflection. Equally important to illustrate the discussion was Silviano Santiago's own essay, "Eça, Author of Madame Bovary". Despite these theoretical parallels and similarities, it must be noted that the discussion aims to demonstrate that the reading undertaken by Silviano Santiago is situated within the framework of post-colonial theory.

KEYWORDS: Silviano Santiago; Homi K. Bhabha; Post-coloniality; Post-colonial comparative literature

Silviano tornou-se também autor do entrelugar derridiano, do entrelugar da literatura latino- americana, enquanto tradutor do deslocamento que se efetua pelas margens e pela reescrita do conceito elaborado pelo filósofo francês. [...] Não resta dúvida de que os estudos de literatura comparada e de crítica cultural dos últimos quarenta anos são devedores da contribuição inestimável de um grupo de intérpretes interessados em reverter posições colonialistas em termos políticos e como resultado da desconstrução derridiana (Souza, 2021, p. 227).

Em uma visada anacrônica, Silviano é autor de Bhabha porque, inicialmente, ressaltadas as diferenças que possam haver diante das aproximações que os une, como por exemplo a perspectiva do *entre-lugar* de ambos, e cuja concepção se assenta em *loci* das culturas e suas respectivas diferenças, a começar, nesse caso, pela diferença pós-colonial. Metaforicamente, o *entre-lugar* do brasileiro lembra o *lugar intersticial*, o *terceiro espaço* e a *fronteira* enquanto movimento e descentramento epistemológico trabalhados por Bhabha em seu livro *O local da cultura* (1998). Considerando que nosso propósito aqui é mostrar que *Silviano é autor de Bhabha* –cujos *entre-lugares* criativos, periféricos, culturais e pós-coloniais se inscreve a política do pós (*pós-modernismo*, *pós-colonialismo*, *pós-feminismo*) que visa a *desconstruir* o discurso colonial imperial europeu da Modernidade – passo a me deter tão somente no texto de Bhabha com o objetivo de destacar passagens que vão ao encontro do postulado e defendido por Silviano e que estariam em diálogo direto com o seu respectivo conceito de *entre-lugar*.

Assim, começo pelo texto introdutório oportunamente intitulado de “Locais da cultura” de *O local da cultura*, no qual Bhabha se vale de uma epígrafe advinda de Heidegger em que se lê que “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*” (Bhabha, 1998, p. 19). Vemos esboçar-se aí os respectivos conceitos de ambos os autores, ou seja, tanto de Bhabha quanto de Silviano, na medida em que as vidas humanas todas se encontrariam nessa condição de fronteiridade ou *entre-lugar*, a partir de onde todos sobrevivem no mundo atual. Ou seja, *entre-lugares* fronteiriços ou na fronteira, ou talvez como prefira Silviano Santiago, na periferia, a partir dos quais ou da qual vivemos ou nos encontramos todos em condição de *fronteiridade* em um tempo rasurado por um presente atemporal e por isso mesmo anacrônico. No bojo da discussão

aqui feita, deve-se salientar que os *locais da cultura* são correlatos aos *entre-lugares* dos autores, até porque tais lugares são sempre materiais e geohistóricos. Na perspectiva pós-colonial em que se encontra a visada teórica dos autores, o que se deve privilegiar sempre são aqueles momentos nos quais ou a partir dos quais se articulam as diferenças coloniais porque “tais entre- lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (Bhabha, 1998, p. 20). Desenham-se aí os (a partir dos autores) *interstícios* para Bhabha ou o *entre-lugar* para Silviano, a partir dos quais se negociam valores e diferenças e sujeitos outros são alcançados a partir de seus respectivos locais da cultura ou *entre-lugares* por onde transitam as diferenças. Para a política dos *entre-lugares*, a representação da diferença pós-colonial não deve ser lida como *um mero reflexo de traços culturais ou étnicos como previamente estabelecidos e inscritos na lápidefixa da tradição*. Até porque a prática do “ler entre”, como mencionada antes, não permitiria. Endossa isso quando lemos em Bhabha que na negociação efetuada a partir da diferença

o ‘direito’ de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão ‘na minoria

A saída se dá porque, por meio de uma reencenação anacrônica do passado, os *entre-lugares* embaralham as temporalidades culturais, espaciais e conceituais e reinventam a própria tradição. Na esteira do texto de Bhabha, outra questão de ordem conceitual que pontua a aproximação entre os intelectuais dos *entre-lugares* é a da *solidariedade*, tomando-a não enquanto um conceito da pós-colonialidade, mas como uma prática decorrente da teorização pós-colonial e que encontraria respaldo na prática comparatista de uma literatura comparada desconstrutora pós-colonial, como queremos entrever a partir do postulado por Silviano Santiago. Tanto Bhabha quanto Silviano vão tratar da *solidariedade* enquanto uma categoria advinda da perspectiva intersticial ou do *entre-lugar*. Ainda arrolaria a ela outras categorias, para depois pensar melhor acerca da literatura comparada desconstrutora pós-colonial, como a de *compartilhamento*, *hospitalidade*, *humanidade*, *experivivência*, *convivialidade*, *comunidade* e *suplementariedade*. Mas por ora vejamos alguns casos em que os autores trazem a questão da *solidariedade* em sua discussão crítica, além de alguns estudiosos da obra de Silviano que não deixaram a palavra passar ilesa. De Bhabha, pontuo dois momentos em que ele trata do termo. No primeiro, lê-se que “o acesso ao poder político

e o crescimento da causa multiculturalista vêm da colocação de *questões de solidariedade e comunidade em uma perspectiva intersticial*” (Bhabha, 1998, p. 21). Desta passagem, quero chamar a atenção para o fato de que tanto a solidariedade quanto a comunidade inscrevem-se em perspectiva intersticial, o que equivale ao mesmo que *entre-lugar*, ou seja, seria dessa perspectiva, ou *entre-lugar* ou lugar, que se formula uma ação, ou modo de pensar, cuja base seria de ordem pós-colonial. O outro momento em que Bhabha trata da categoria sintetiza de forma mais precisa uma discussão teórica de base pós-colonialista que atravessa o livro dele como um todo. Afirma o autor que “é vivendo na fronteira da história e da língua, nos limites de raça e gênero, que estamos em posição de traduzir as diferenças entre eles, numa espécie de solidariedade” (Bhabha, 1998, p. 238). Vivendo na fronteira da história e da língua, ou na periferia do mundo, a partir desse lugar em que se situa o povo na dispersão, Bhabha esboça um gesto de tradução solidária e fragmentária de natureza, mas que, por meio desses locais da cultura ou *entre-lugares*, os povos diversos podem ser tomados como *semelhantes-à-diferença* pós-colonial. No capítulo de Bhabha que estou lendo nesse momento, ele o conclui retomando uma bela e importante passagem de Walter Benjamin que, metaforicamente, alude à disseminação da nação e da cultura no mundo. Ali, o gesto tradutório ou pós-colonial, *de maneira amorosa e detalhada*, espelha a estratégia de solidariedade que marca a teorização de ordem pós-colonial. Sobressai daí, mais pós-moderna que talvez pós-colonialmente, a paisagem tomada de certeza de que a cultura não é mais concebida como uma *comunidade imaginada* e que ela deixa de ser imaginada porque, agora, toda cultura se esboça a partir de uma *solidariedade comunitária*. Não é por acaso que o exercício ou prática articulados a partir tanto da *solidariedade* quanto da *comunidade* vão embasar a perspectiva teórica da pós-colonialidade. Tais estratégias se fazem presentes também no conceito de *entre-lugar* de Silviano.

Vejamos agora dois momentos em que o autor brasileiro trata diretamente da questão da solidariedade. No caso de Silviano, queremos pensar que, se a solidariedade não ocupa por si só um lugar conceitual, não deixa de estar na base e endossar a conceituação do *entre-lugar*, como esperamos mostrar ao longo desta discussão. Nesse tocante, a primeira passagem que privilegiamos, dada sua importância dentro da discussão feita pelo autor no texto “Atração do mundo”, chega a ocupar um lugar conceitual, ao que Silviano vai chamar de exercício. Apesar de um pouco extensa, transcrevo a passagem inteira:

Como ativista no campo da construção de uma nova sociedade, Mário de Andrade abdica passageiramente da cultura da elite e se

entrega ao exercício da *solidariedade*. Através deste exercício, busca o saber que existe na expressão cultural dos descendentes de grupos étnicos que foram dizimados, ou explorados e esquecidos pela elite escravocrata e europeizada do país. A forma mais absoluta do conhecimento pela solidariedade do outro étnico e cultural, pela solidariedade, é a *conversa*, cujo exercício extrapola agora o campo limitado da correspondência literária do privado, para ter a abrangência de uma indistinção fraterna e pública que se confunde com o amor à humanidade (Santiago, 2004, p. 28).

Queremos tomar a categoria da solidariedade como uma abertura e aproximação do conceito de *entre-lugar* para a perspectiva pós-colonial, como já dissemos. Assim, lendo a epístola a partir de Mário de Andrade, mas pensando na política do descentramento de Derrida, segundo a qual *a cultura europeia foi deslocada e, por conseguinte, deixou de ser considerada como a cultura de referência*, tal descentramento, segundo Silviano, interferiu diretamente na *formação* do intelectual brasileiro modernista, levando-o, por sua vez, como acontece com Mário, a um exercício de solidariedade por meio do qual se estabelece um diálogo, ou melhor, uma *conversa*, que permite ao intelectual saber e aprender o que ele ainda não sabia *com todo e qualquer indivíduo*. Ressalvadas as diferenças que possa haver, é nesse sentido de descentramento ou abertura do conceito de *entre-lugar* que o mesmo é levado a uma prática ou exercício que endossa uma *conversa* teórica cuja base é de ordem pós-colonial. Lendo a passagem acima, é como se o próprio conceito tivesse se dilatado do campo meramente textual e privado e se abrisse para um *entre* o fraterno e o público, confundindo-se com *um amor à humanidade*. Ou seja, o *entre-lugar* como uma *conversa* teórica humanística que, solidária e fraternalmente, vai ao encontro do outro como forma de aprender e sentir com esse outro, e não mais apenas com a inteligência e a erudição.

A abertura ou descentramento operacionalizado pelo próprio conceito, antes de levá-lo a perder o que quer que seja, permite que ele, pelo viés de uma epistemologia pós-colonial, encampe também uma alegria, uma felicidade, uma quase religião que advenha dos corpos dizimados, ignorados e explorados pelo saber e poder totalizantes e abstratos. Por meio da prática pós-colonial ou exercício de *puxar conversa* (Mário), o conceito do *entre-lugar aproxima-se entre agressivo e despudoramente, entre sensual e fraternalmente do outro, para que estepasse de indivíduo a cidadão e de objeto a sujeito do conhecimento, transformando o sujeito que puxou a conversa em receptáculo de um saber que desconhecia*.

Repetindo aqui ao pé da letra o texto de Silviano, diria que um *entre* do *entre-lugar* se abre para a *diferença colonial* que, não por acaso, tornou-se uma das

preocupações mais prementes dos discursos teóricos culturais e pós-coloniais do século XXI. É nesse sentido que o *entre-lugar*, enquanto um conceito político, solidário e pós-colonialmente, *desconstrói* a diferença colonial, abrindo-se para um diálogo da tradição literária e cultural. Nesse sentido, repito que é a partir da categoria de solidariedade, ou exercício, como quer Silviano, somada a outras como *compartilhamento*, *comunidade*, *humanidade*, *convivialidade*, que o conceito em questão, de meu ponto de vista, se inclina para a perspectiva epistemológica da pós-colonialidade. Volto uma última vez ao texto de Silviano para dizer que pelo fato de o conceito de *entre-lugar* permitir que o teórico faça, ou tenha se aberto para um *entre* a partir do qual se *absorveu solidariamente tudo* e o outro, agora ele pode permitir saber *saber a aprender e a distinguir* na diferença colonial. E tal prática teórica se torna possível porque ele, enquanto um conceito solidário, deixa que a *conversa do coração transborde em uma linguagem de afeto e rancores, e que nem é mais apenas teórica, uma vez que pode abandonar a escrita e a teoria intelectualizadas e conscientes no poço profundo e elitista das produções propriamente literárias* (Santiago, 2004, p. 11-44).

Passo agora para o segundo momento escolhido por mim em que Silviano se vale do exercício da *solidariedade*. Na verdade, a referida passagem encontra-se no texto de Eneida Maria de Souza, aqui antes citado – “Silviano Santiago, autor de Derrida” – em que a autora, não por acaso, reflete acerca do conceito de *entre-lugar*. A produção do conceito e a produção diferencial que o conceito produz a partir de seus *entres* e conforme esses *entres* se abrem para novas ressignificações, postulações teóricas e epistemológicas. Em texto de mais de 30 anos depois de ter sido publicado o conceito de *entre-lugar*, o autor o reinscreve e o reencena acrescentando, ou acentuando, a presença da *solidariedade* agregada (ou como desdobramento) a ele. A passagem mais uma vez é extensa, mas dada sua importância para o que aqui se postula, merece ser transcrita na íntegra:

Borges me deu a coragem do pensamento paradoxal quando estava preparado (ou estavam me preparando) para os caminhos da racionalidade francesa numa terra onde os lugares-comuns nos impelem para o irracional. Nunca fui vítima da lucidez racional da Europa como um novo Joaquim Nabuco, nem me deixei seduzir pelo espocar dos fogos de artifício ou pelas cores do carnaval nos trópicos. Fiquei com os dois e com a condição de viver e pensar os dois. Paradoxalmente. Nem o lugar-comum dos nacionalismos brabos, nem o lugar-fetichismo do aristocrata saber europeu. Lugar-comum e lugar-fetichismo imaginei o *entre-lugar* e a solidariedade latino-americana. Inventei o *entre-lugar* do discurso latino-americano que já tinha sido inaugurado pelos nossos melhores escritores (Santiago *Apud* Souza, 2021, p. 223).

Quando Silviano escreve que escolheu ficar com os dois tipos de perspectiva e com a condição de viver e pensar os dois, ele está assumindo que optou por ficar num *entre-*

lugar de natureza dupla, por lhe permitir viver e pensar a si e ao outro a partir desse *lôcus entre-lugar* paradoxal por excelência, e tal pensamento próprio, crítico e teórico somente poderia resultar num pensamento paradoxal, cuja raiz epistemológica já estava disseminada em toda a periferia latino-americana. Endossa a postura do autor o pensamento paradoxal que o caracteriza desde sempre e, por extensão, não menos paradoxal, inscreve-se o conceito de *entre-lugar*, o qual na verdade sumariza o próprio pensamento paradoxal do autor ao longo de sua vida teórica e crítica. Paradoxal porque o próprio Silviano se inscreve num *entre-lugar*, como dito. Esse lugar *entre* pode corresponder ao *lôcus* América Latina, cujo pensamento próprio advindo desse espaço periférico pode ser metaforizado no pensamento paradoxal do autor. Nesse sentido, vale a pena transcrever, repetindo as últimas linhas da passagem: “lugar-comum e lugar-fetice imaginei o *entre-lugar* e a solidariedade latino-americana. Inventei o *entre-lugar* do discurso latino-americano que já tinha sido inaugurado pelos nossos melhores escritores” (Santiago *Apud* Souza, 2021, p. 223). O conceito de *entre-lugar* não passa de um compósito de lugares que se *suplementam* a partir de um lugar situado no espaço e que pode ser nominado de América Latina. Paradoxalmente. Solidariamente.

Além de Eneida Maria de Souza, que transcreveu a referida passagem de Silviano para pensar o conceito de *entre-lugar*, vejamos, agora, mais dois estudiosos do autor que também não deixaram a questão da *solidariedade* escapar da discussão crítica. Trata-se dos autores André Botelho, com seu texto “Sinal dos tempos: anacronismo e atualidade de *Uma literatura nos trópicos*”, e Denilson Lopes, com o texto “Do ‘entre-lugar’ ao transcultural”. Do primeiro autor, transcrevo esta passagem: “exagerando um pouco, talvez, o ‘entre-lugar’ é tão somente ‘movimento’ e ‘relação’ (sempre carregada de conflito e poder, mas também potencialmente de solidariedade), como expressam, aliás, os muitos ‘es’ da frase final do ensaio (Botelho, 2019, p. 367). Como já observado antes, Botelho está discutindo a atualidade-anacrônica do livro *Uma literatura nos trópicos* (2019) quarenta anos depois. Por conseguinte, é nesse contexto que ele conclui que o conceito de *entre-lugar* é tão somente talvez *movimento, relação e solidariedade*. Aqui me valho da ideia de *movimento, relação e solidariedade* que também conceitua o *entre-lugar* para reiterar que é por meio desse movimento relacional aberto por um gesto solidário que o conceito se abre para um *entre* da perspectiva pós-colonial. Insisto em manter nessa direção minha discussão e teorização porque meu propósito se resume tão somente, como já dito, em aproximar o referido conceito da visada pós-colonialista – Talvez seja escusado dizer que tal aproximação já foi sinalizada por estudiosos de Silviano; todavia não há um trabalho específico sobre ela. No entanto, aproveito essa ideia do movimento oportunamente pontuada por Botelho, para dizer que o conceito de

entre-lugar, de meu ponto de vista aqui, deve ser pensado a partir de um *anacronismo em reverso* porque Silviano vem avançando suas reflexões teóricas e críticas ao longo da vida, retomando conscientemente os sentidos amalgamados – melhor seria dizer *suplementarizados* – ao conceito ao longo dos anos, como acontece na passagem acima, a partir do momento em que ele comenta sobre o conceito e o suplementa.

Já do texto de Denilson Lopes, “Do ‘entre-lugar’ ao transcultural”, transcrevo estas duas passagens, nas quais o autor discute precisamente o conceito de *entre lugar*:

O “entre-lugar” desterritorializa o nacional, como os brasileiros em Nova York de *Stella Manhattan* e tantos outros personagens em trânsito pelas Américas em contos de *O banquete* a *Histórias mal contadas*, compondo verdadeira genealogia de uma diáspora tupiniquim que se firma nos últimos decênios. Reflexão que encontra eco e diálogo no ensaio que dá nome ao livro *O cosmopolitismo do pobre* (2004), enfocando não só os intelectuais, mas as solidariedades transnacionais criadas a partir de migrações de trabalhadores, movimentos sociais e ONGs, para quem a cultura não é só mercadoria, mas recurso para um desenvolvimento econômico integrado à constituição de cidadania [...] (Lopes, 2019, p. 417).

O “entre-lugar” é estratégia de resistência que incorpora o global e o local, que busca solidariedades transnacionais através do comparativismo – para apreender nosso hibridismo –, fruto de quebras de fronteiras culturais (Lopes, 2019, p. 422).

Nas duas passagens acerca do conceito, Denilson repete a expressão *solidariedades transnacionais*, a qual, de acordo com o próprio texto do autor, pode ser pensada como uma paisagem transcultural, lugar esse metaforizado pelo *entre-lugar*: “essas paisagens transculturais que procuramos delinear são ‘entre-lugares’” (Lopes, 2019, p.422), afirma o autor. Tais paisagens encenadas a partir do *entre-lugar*, da perspectiva pós-colonialista, podem ser entendidas também como transfronteiriças e transmodernas, na medida em que, seguindo o texto de Denilson, se, por um lado, são paisagens de *formas fluidas e irregulares*, por outro, essas paisagens que não deixam de ser situadas no espaço *são lugares em que podemos viver mais, muito mais*. O *entre-lugar* encenado como uma paisagem transcultural entreabre para mais um lugar que nos permite pensar em uma literatura comparada pós-colonial elaborada e praticada no Brasil, a partir do intelectual Silviano Santiago, cujo exercício comparatista não cessa de *aprender a desaprender*, ou de *comparar para descomparar* pós-colonialmente nesses nada tristes trópicos.

Volto, agora, ao capítulo inicial de Bhabha que estava lendo, tão somente para dar continuidade à minha proposição de que *Silviano Santiago é autor de Homi k. Bhabha*. E volto exatamente no ponto em que Bhabha está falando de solidariedade e comunidade em perspectiva intersticial a partir de sua leitura da artista afro-americana Renée Grenn, e de cuja passagem ocorre a pergunta feita por ela: “O que é uma comunidade de latinos?” (*Apud Bhabha*, 1998, p. 22). E detemo-nos na pergunta para trazer o *entre-lugar* de Silviano atravessado pela perspectiva intersticial de seu leitor-Bhabha para dizer que o espaço-entre do brasileiro responde de forma categórica à pergunta do que seja uma comunidade latina, pois, se por um lado, se prende a um espaço-intersticial, por outro, metaforiza esse mesmo lugar, descentrando-o a ponto de ele poder ser qualquer lugar do planeta. Se, no caso da artista lida por Bhabha ocorre uma intervenção crítica, no caso de Silviano ocorre uma ficcionalização crescente no modo de ler o conceito de *entre-lugar*, por parte do crítico-escritor. A ficcionalização que vem sendo trabalhada pelo brasileiro no nível conceitual contribui para o (aproveitando aqui de palavras de Bhabha) *deslocamento da lógica binária através de identidades de diferença*, por meio de um jogo sempre metafórico. Com base na leitura que venho fazendo de Bhabha, e tendo Silviano como um desencadeador dessa interpretação, arrisco-me a dizer que o *entre-lugar* do brasileiro é sempre de ordem fronteira por excelência, sobretudo e principalmente quando esse mesmo conceito vai, gradativamente, ganhando um encobrimento ficcional. Essa passagem sem atravessamento entre o conceito e sua semantização ficcional abre mais do que a *possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta* (Bhabha), porque se abre muito mais para uma relação transculturadora, e a partir dos próprios lugares que vão sendo situados e encobertos pelo conceito. E aí entra em jogo uma questão que queremos tratar *a posteriori* que é a do *anacronismo criativo e periférico* em Silviano. Mas, por outro lado, fazer o quê se, quando tratamos de diferenças, todas as hierarquias se rompem, assim como se cindem as cronologias temporais entre passado, presente e futuro, e o lugar da enunciação crítica se impõe num tempo presente do agora sempre urgente? Nesse jogo, os nós das tradições se rompem por completo, como se rompem as leituras de base universal e abstrata, como mostra o anacronismo em Silviano. Pensando na perspectiva anacrônica do autor, leio esta passagem de Bhabha:

O presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica: nossa autopresença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas descontinuidades, suas desigualdades, suas minorias (Bhabha, 1998, p. 23).

O *entre-lugar* se situa num presente intersticial e atemporal por excelência, apesar de situado no espaço fronteiro e, se no rastro de sua origem, pode estar um “pós” de pós-moderno *à la* desconstrução, por outro lado, é a partir dessa mesma origem que se inscreve um “pós” que vai levá-lo ao pós-colonialismo, como vem sustentando e pontuando Silviano Santiago de forma crescente quando se trata do histórico do conceito de *entre-lugar*. Um *presente-entre-lugar* que, por se valer de um *anacronismo criativo e periférico*, mira um além, para além do tempo futuro, e, por incorporar a energia inquieta e revisionária desse futuro, transforma o presente (seu presente) em um lugar expandido e ex-cêntrico de um presente outro por vir na história. Assim, valendo-se de uma prática criativa e periférica ao mesmo tempo, a política do conceito de *entre-lugar* propõe desconstruir as *grandes narrativas* teóricas do século XX e, depois, desencobrando-as de seu manto fechado em copas por um universalismo abstrato e disciplinar por meio de sua proposta empreendida de ficcionalização conceitual.

O *entre-lugar* como um presente *anacrônico criativo e periférico* é, de meu ponto de vista, mais fronteiro (sem deixar de ser periférico), posto que roça as feridas abertas das diferenças outras, de modo que o espaço demográfico encampado por esse *entre-lugar* não se prende mais tão somente à questão de “gênero, raça e sexo”, mas se abre para um axioma que se impõe na fronteira que realoca *o humano, o animal e a natureza*. Abro um parêntese aqui – sem abri-lo de fato, porque para mim é desnecessário – para reiterar que o que estou dizendo só faz algum sentido se se partir da premissa de que é Bhabha que está lendo Silviano, e não o contrário. Quanto a mim, obviamente, estou lendo os dois, comparativamente. Assim, é na chave de uma perspectiva comparatista que se inscreve entre um *entre-lugar*, disseminado no presente, e um espaço-lugar “além”, desvinculado de qualquer ideia de passado ou futuro e mesmo sem a possibilidade de um retorno ao presente, que aproximo, de uma vez por todas, o *entre-lugar* da paisagem de uma fronteira pós-colonial, cuja barra (ou traço) reúne, atravessa, compartilha, solidariza, hospeda, é comunal com o outro nesse atravessamento contínuo de *entre-lugares* outros que fazem o que aqui se chama de presente. “É nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual *algo começa a se fazer presente* em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando,” conclui Bhabha (1998, p. 24). Aqui, o autor retoma complementando seu texto epigráfico que pertence ao filósofo Heidegger, cujo título “Locais da cultura” pode ser lido como um *entre-lugar* como lugares das culturas e das diferenças, a partir de onde o *entre-lugar* pode e deve ser tomado como um ponto situado a partir do qual *algo começa a se fazer presente*. Pensando na fronteira – enquanto eu aqui penso em um *entre-lugar* fronteiro – Bhabha traz mais esta passagem do filósofo para completar a paisagem:

Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para cá e para lá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte reúne enquanto passagem que atravessa (Bhabha, 1998, p. 24).

O *entre-lugar*, enquanto um conceito a partir do qual algo começa a (se) fazer presente e sentido, atua de modo não dissimilar ao conceito intersticial do “além”, na medida em que se movimenta de lugar (entre) para lugar (entre) ambulante e ambivalentemente. Forma-se, assim, uma paisagem transfronteiriça do *entre-lugar* de Silviano Santiago. Volto uma última vez à passagem de Bhabha/Heidegger, já que todos vivemos nas fronteiras do presente e *entre-lugares* marcados pelas diferenças todas, posto que nos reunimos nessa travessia humana, para dizer que essa passagem nos remete a outra paisagem biográfica por vir no livro de Bhabha e que, a seu modo, dialoga diretamente com amigos em comum entre Bhabha e Silviano, como Derrida, além de essa passagem também remontar a uma paisagem conceitual presente no ensaio “O *entre-lugar* do discurso latino-americano”, de Silviano. Vejamos, retomando a passagem: a fronteira como um lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente, cujo lugar *reúne* todos no atravessamento, remete-nos, primeiro, para a ideia-conceito de “Disseminação”, trabalhada por Bhabha logo na abertura de seu capítulo oportunamente intitulado como “DissemiNação”. Transcrevo parte desse parágrafo introdutório:

O título deste capítulo — DissemiNação — deve algo à perspectiva e à sabedoria de Jacques Derrida, mas ainda também à minha própria experiência de migração. Vivi aquele momento de dispersão de povos que, em outros tempos e em outros lugares, nas nações de outros, transforma-se num tempo de reunião. Reuniões de exilados, *émigrés* e refugiados, reunindo-se às margens de culturas ‘estrangeiras’, reunindo-se nas fronteiras; reuniões nos guetos ou cafés de centros de cidade; reunião na meia-vida, meia-luz de luz de línguas estrangeiras, ou na estranha fluência da língua do outro; [...] reunindo as memórias de subdesenvolvimento, de outros mundos vividos retroativamente; reunindo o passado num ritual de revivescência; reunindo o presente. Também a reunião de povos na diáspora: contratados, migrantes, refugiados [...] (Bhabha, 1998, p. 198).

Aqui, o *entre-lugar* disseminado de Bhabha retroage mais de 20 anos para ir ao encontro do *entre-lugar* do discurso latino-americano, de Silviano Santiago, atravessado este por uma América Latina em reunião conflituosa entre o civilizado e o bárbaro, entre o colonialista e o colonizado, entre Brasil, América Latina e Europa, em cujo diálogo dessa, entre outros, por exemplo, entre a Europa e o Novo Mundo, entre cópia e modelo, “a América transforma-se em cópia, simulacro que se quer mais e mais

semelhante ao original” (Santiago, 2019 p.15), nas palavras de Silviano; e, também, a partir de onde se constata que nessa luta travada na fronteira entre colonizador x colonizado, civilizado x bárbaro, “a maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição dos conceitos de unidade e de pureza” (Santiago, 2019, p. 17, p.), também nas palavras de Silviano. Uma América Latina atravessada por muitos *entre-lugares* em que se reúnem, na dispersão de sua heterogeneidade e transculturação, transeuntes do mundo inteiro, gringos, perseguidos e forasteiros, orientais, ameríndios e línguas e dialetos diversos; ali a partir desse *entre-lugar disseminador*, em que sequer a ideia de *unidade e pureza* faz mais sentido, emerge o trabalho *contaminador* de uma contaminação das diferenças, para usar termo caro a Silviano no ensaio.

Chego, assim, por último, à passagem do ensaio de Silviano que mais parece dialogar retroativamente/anacronicamente com a de Disseminação de Bhabha: “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão — ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade” (Santiago, 2019, p.29) – ali já se realizava em código secreto periférico uma confraria entre latinos e europeus, cuja conversa era declinada na clave de um pensamento político pós-colonial. Não demorou muito para que o intelectual indo-britânico chegasse para tomar lugar naquela conversa trazendo consigo o seu “Terceiro Espaço”, Terceiro Mundo, cujos *entre-lugares* se intercambiam mutuamente e, a partir deles, o discurso teórico pós-colonial, quer seja de Bhabha ou de Silviano, se *suplementam* (Derrida) anacronicamente.

A título de conclusão, e considerando que nosso propósito maior se resume em pontuar o lugar de uma *Literatura comparada pós-colonial brasileira* a partir de Silviano Santiago, nada mais justo e oportuno do que nos valermos de palavras de Bhabha, especificamente quando o assunto é em torno de um método *comparativo*, o que, por sua vez, vai ao encontro do que o brasileiro já defendia desde “O *entre-lugar* do discurso latino-americano” e que continua a defender, de forma mais incisiva ainda, em seus últimos livros. Citando Goethe (1830), que pensava numa literatura mundial, Bhabha se volta para um “método comparativo” como forma de entender melhor a condição “estranha” do mundo moderno. Observa e pondera que, por mais que a ideia de um pensamento eurocêntrico ronde o conceito de literatura mundial goethiano, suas “especulações” se abrem a *outra linha de pensamento*. Assim, a partir dessa outra linha de pensamento, em que as *necessidades espirituais e intelectuais antes não reconhecidas* emergem de ideias “estrangeiras” e que tanto a vida cultural de uma nação quanto a própria vida do homem

são vividas inconscientemente, Bhabha, valendo-se de uma perspectiva pós-colonial, afirma:

Pode haver então a ideia de que a literatura mundial possa ser uma categoria emergente, prefigurativa, que se ocupa de uma forma de dissenso e alteridade cultural onde termos não consensuais de afiliação podem ser estabelecidos com base no trauma histórico (Bhabha, 1998, p. 33).

Isso, por sua vez, leva o teórico indiano a reconhecer, agora, que “o estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de ‘alteridade’” (Bhabha, 1998, p. 33). Assim, as culturas se reconhecerem e o reconhecimento dessas outras culturas permitem a solidariedade e convivialidade entre povos que se encontram em condição de *entre-lugares* fronteiriços, com suas histórias locais e transnacionais. Isso leva Bhabha a concluir que:

Talvez possamos agora sugerir que histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos – essas condições de fronteira e divisas – possam ser o terreno da literatura mundial, em lugar da transmissão de tradições nacionais, antes o tema central da literatura mundial. O centro de tal estudo não seria nem a ‘soberania’ de culturas nacionais nem o universalismo da cultura humana, mas um foco sobre aqueles ‘deslocamentos sociais e culturais anômalos’ (Bhabha, 1998, p. 33).

Pensando aqui no conceito de *entre-lugar* de Silviano Santiago, leia-se Literatura comparada (pós-colonial) no lugar de Literatura mundial, a partir da qual se situam outros *entre-lugares*, e cujos sujeitos fronteiriços se reúnem para discutir *sobre*, entre outras questões sociais, políticas e culturais, as literaturas periféricas/fronteiriças que agora ocupam o lugar de um outro *entre-lugar*/centro situado não mais no terreno de um universalismo abstrato, mas no de uma pluriversalidade. Antes de encerrar sua discussão, que aqui de meu ponto de vista passa por uma questão de “método comparativo” – como já dito, aliás – Bhabha adverte que, se estamos todos buscando uma “mundialização da literatura”, então “devemos nos preocupar com a compreensão da ação humana e do mundo social como um momento em que *algo está fora de controle, mas não fora da*” (Bhabha, 1998, p. 34, grifos meus). Depreende-se, pois, que o começo para essa organização (ou seria reorganização?) passa, necessariamente, pela opção de base pós-colonial do *aprender a descomparar o comparado*, como forma de rearranjar o mundo de outras perspectivas, a partir de outros *entre-lugares* (outros centros), os quais permitem a todos o *habitar* esse mesmo mundo de forma diferente, na medida em que se assume *a responsabilidade pelos passados não ditos, não representados*,

que assombram o presente histórico. (Sempre na esteira do que diz Bhabha, mas pensando no papel e lugar de um comparatista pós-colonial, resta-me perguntar, levando-se em conta que o ato (evento) de comparar é representado em um discurso *de alguma modo fora de controle*: quem tem o controle sobre o *comparar* hoje? O comparar, aqui entendido como um significante estruturado como uma linguagem (Lacan), lugar de força, de poder e de perigo, em que emergem outros sujeitos e reinam as diferenças, lugar atravessado por desejo e controle, quem pode decidir o sentido de uma comparação, uma vez que qualquer julgamento estaria preso a uma relação comparatista que demandaria outra relação, sempre aberta, sempre a partir de *entre-lugares* de ordem social, política, cultural e teórica? Por fim, e ainda na esteira de Bhabha, entre significantes e sujeitos periféricos, entre *anacronismo criativo e periférico*, entre passado e presente, entre fronteiras e bordas, entre línguas e povos, enfim, nessa relação intervalar desenvolvem-se *entre-lugares* atravessados por uma “intimidade intersticial”, cuja intimidade questiona as divisões binárias da história, do mundo e do próprio pensamento, permitindo que, ao agir assim, o intelectual comparatista pós-colonial, pondo-se nessa temporalidade intervalar de um *entre-lugar*, se inscreva na ordem do discurso enquanto um sujeito que traz consigo uma diferença “interior”, espiritual, situado, mas aberto para as diferenças que constituem os demais *entre-lugares* do mundo, “um sujeito que habita a borda de uma realidade ‘intervalar’” (Bhabha, 1998, p. 36) sempre. Porque seria desse lugar de uma “existência fronteiriça”, cuja experiência seria sempre de ordem fronteiriça, que se tornaria possível comparar, ainda no mundo, posto que não mais a partir do centro do mundo, mas, sim, “*a partir do centro da vida*” (Bhabha, 1998, p. 36-37).

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998.

BOTELHO, André. Sinal dos tempos: anacronismo e atualidade de *Uma literatura nos trópicos*. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*: edição ampliada. Recife: Cepe, 2019. p. 361-379.

LOPES, Denílson. Do “entre-lugar” ao transcultural. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*: edição ampliada. Recife: Cepe, 2019. p. 415-427.

SANTIAGO, Silviano. Atração do mundo: políticas de globalização e de identidade na moderna cultura brasileira. In: SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 11- 44.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*: edição ampliada. Recife: Cepe, 2019.

SOUZA, Eneida Maria de. Silviano Santiago, autor de Derrida. In: SOUZA, Eneida Maria de. . *Narrativas impuras*. Recife: Cepe, 2021. p. 217-224.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.